

FRANCISCO COSTA

TRÍPTICO EM LOUVOR DA  
VIRGEM SANTÍSSIMA



EM COMEMORAÇÃO DA VINDA DA IMAGEM DE  
**NOSSA SENHORA DO CABO**

PARA A FREGUESIA DE  
**S. PEDRO DE SINTRA**  
EM AGOSTO DE 1963



Reedição da poesia com que se comemorou a vinda da Imagem de Nossa Senhora do Cabo para a freguesia de São Pedro de Sintra em Agosto de 1937

Certo dia, em rude fraga  
erma de flores e ninhos,  
Nossa Senhora aparece  
a dois humildes velhinhos.

Foi assim. Ele habitava  
uma das pobres aldeias  
dessa planície onde o vento  
galopa livre de peias.

Ela era de além do rio,  
dessa linda e longa praia  
em cujos braços doirados  
o mar sereno desmaia.

Sem saberem um do outro,  
ambos tocados por Deus,  
deixaram suas aldeias,  
deixaram a casa, os seus,

e foram, trôpegos, lentos,  
trilhando serra e planura,  
encontrar-se os dois no Cabo,  
na rocha deserta e dura.

Ali, em frente do mar  
e açoitados pelo vento,  
tendo o pranto por bebida  
e a prece por alimento,

oraram dias e noites  
alheios a todo o mal,  
e as almas se lhes tornaram  
tão limpas como cristal.

E assim, naquele lugar  
ermo de flores e ninhos,  
Nossa Senhora surgiu  
a dois humildes velhinhos.

Voltaram iluminados  
às suas aldeias calmas:  
pelo corpo, inda na terra,  
mas já no céu, pelas almas.

Como quem fitou o sol  
inda o vê sem o fitar,  
eles traziam consigo  
aquela visão sem par.

Cerrando as pálpebras, viam  
num grande feixe de luz,  
Nossa Senhora surgir-lhes  
com o Menino Jesus,

montada na jumentinha  
que ao Egipto a conduziu  
e que ali, na rocha dura,  
seus tenros pés imprimiu.

E logo a gente mais simples,  
ante a invisível pintura  
projectada nessas almas  
como estrela em água pura,

não podendo ver a Virgem,  
dela, ao menos, se avizinha,  
beijando, humilde, na rocha  
os sinais da jumentinha.

Assim os povos saloios  
já cegos pela cidade  
(pois na treva, as borboletas  
cega-as qualquer claridade)

regressaram, pouco a pouco,  
ao seio da Mãe de Deus  
levados p'la mão calosa  
de dois velhinhos plebeus.

Passam tempos. Na cidade  
Satanás empesta os ares:  
os homens beijam-lhe os pés  
e cospem sobre os altares.

E já também nas aldeias  
a fé nas almas esfria,  
e muito cego se ufana  
de não ver a luz do dia.

Já não acorrem ao Cabo  
as piedosas multidões:  
mas resta um altar à Virgem  
dentro dos bons corações.

E em memória dos velhinhos  
que o mar com pranto aumentaram,  
Nossa Senhora perdoa  
àqueles que a desamparam.

Levada por seus fiéis,  
a sua Sagrada Imagem  
caminha de povo em povo  
numa perpétua viagem.

Quando ela completa um giro,  
os que eram filhos — são pais,  
e muitos, quando ela volta,  
não tornam a vê-la mais.

Não mais a vêem na terra!  
Mas — ignorantes ou sábios —  
se em vida oraram à Virgem  
juntando as almas aos lábios,

Ela os espera no Céu;  
e o seu terno e doce brilho  
lhes prepara os tristes olhos  
para o clarão de seu Filho!

FRANCISCO COSTA

TRÍPTICO EM LOUVOR DA  
VIRGEM SANTÍSSIMA



EM COMEMORAÇÃO DA VINDA DA IMAGEM DE  
**NOSSA SENHORA DO CABO**

PARA A FREGUESIA DE  
**S. PEDRO DE SINTRA**

~~EM AGOSTO DE 1963~~

1988-1989



Reedição da poesia com que se comemorou a vinda  
da Imagem de Nossa Senhora do Cabo para a fre-  
guesia de São Pedro de Sintra em Agosto de 1937